

H. Hiebs, A. A. Smirnov, A. N. Leontiev, N. F. Posnanski, G. S. Kostiuik e A. L. Schnirman, *Soviet Psychology — A Symposium*, Philosophical Library, New York, 1961.

Quem não fôr alérgico aos dogmatismos, quem puder agüentar a deprimente impressão de monotonia produzida pela leitura de 108 páginas de exaltação ao materialismo dialético e às belezas do comunismo, conseguirá extrair informações valiosas dêste livro sôbre os fundamentos e os objetivos da psicologia soviética.

O livro reúne sete artigos escritos pelos mais altos pensadores da escola soviética, expondo, além das bases teóricas da psicologia da criança, os princípios da sua aplicação.

Em cada capítulo, os autores começam por felicitar-se pela autonomia conquistada, após a data histórica de 4 de julho de 1936. Nesse dia, o Comitê Central do P. C., denunciando “as distorções pedológicas no Sistema do Comissariado do Povo para a Educação”, libertou a psicologia soviética dos últimos vestígios de pensamento burguês e condenou a “teoria dos dois fatores” que postulava a interação, na formação da personalidade, do meio e da hereditariedade. Os psicólogos soviéticos rejeitam o conceito clássico de hereditariedade, por levar ao determinismo; êles aceitam apenas a transmissão dos condicionamentos adquiridos através das gerações, verificada pelos trabalhos de Pavlov. As diferenças individuais provêm desses condicionamentos anteriores e da estrutura particular do organismo, porém essa base específica fornece apenas “possibilidades” e não determina de maneira alguma a futura evolução da personalidade. O Homem está formado, antes de tudo, pelo meio. “A consciência é apenas o reflexo, a imagem, dentro de nós, do mundo real”, diz Smirnov (pág. 4). E Leontiev: “Os psicólogos soviéticos partem da tese marxista de que a consciência humana é de natureza histórica e social, que ela está determinada pela existência social e modifica-se qualitativamente, quando as condições econômicas e sociais se modificam.” (pág. 36). Não há natureza humana, nem estrutura mental imutável. Os instintos não são independentes da socialização, pois, “o homem sempre satisfaz as necessidades orgânicas conforme a influência social à qual êle está submetido.” (Smirnov. pag. 17).

É a consciência que define o homem. O inconsciente não interessa. Smirnov executa Freud nessas poucas linhas: “A inaceitabilidade (de Freud) é justificada pelo fato de que a sua teoria considera as necessidades biológicas ou “subconsciente”, não a razão e a consciência, como fatores determinantes da personalidade humana... O Homem não está caracterizado pelo domínio das forças escuras dos instintos, mas, ao contrário, pelo domínio da sua razão que reflete o mundo clara e corretamente.” (pág. 19).

Tratar-se-á de dar ao homem as condições de refletir o mundo da maneira mais clara possível, quer dizer, da maneira mais conforme com os ensinamentos de Marx, Lenine e Engels, como lembram os autores em cada página. Se a personalidade é apenas produto do meio, a psicologia tornar-se-á, então, ciência da educação. Ela não se limitará a ser, como nos países capitalistas, uma simples descrição visando, quando muito, a estabelecer um diagnóstico. O psicólogo deverá ter um objetivo prático: “O maior objetivo da psicologia, declara Leontiev, é o estudo dos processos pelos quais a ciência e a ideologia se tornam conteúdos da consciência humana, para introduzi-los entre os traços de personalidade”. (pág. 45). A psicologia soviética é, sobretudo, psicologia aplicada. Ela estuda os processos de desenvolvimento da criança para poder aplicar esse conhecimento à aproximação do seu objetivo.

Os métodos de investigação — aqui chegamos à parte mais interessante do livro, a nosso ver a mais construtiva, a mais aceitável também — procuram ser originais. Os psicólogos soviéticos rejeitam os testes por que os mesmos não

conseguem definir o ser humano, são muito limitados, não consideram as condições sociais específicas, nem as motivações. O contróle estatístico indica apenas uma probabilidade e comporta uma perigosa margem de erros. "Uma investigação correta das aptidões é somente possível quando as atividades da criança estão realizadas nas condições comuns da sua vida, e quando as aptidões não estão investigadas de maneira estatística, mas no seu desenvolvimento e nas suas mudanças, em relação com a personalidade total da criança, a sua instrução, a sua educação, a sua vida inteira." (pág. 25). Essa posição parece bem próxima daquilo que os psicólogos burgueses chamam "fenomenologia". Infelizmente, Smirnov nem menciona a existência dessa orientação na psicologia ocidental.

A consciência é compreensiva através da sua manifestação na ação. Os autores afirmam que existe a "unidade da consciência e da atividade". Logo, para estudar a estruturação do pensamento do homem, basta analisar a sua atividade concreta. O que interessa é o processo do pensamento, e não o pensamento em si. Essa tese encontra aplicação prática em pesquisa sobre a atividade criadora do trabalhador, do artista, do cientista.

Assim, a distinção entre as diferentes etapas do desenvolvimento psíquico da criança far-se-á pela definição dos tipos predominantes de atividade que correspondem a cada idade. A consciência de si mesmo constrói-se através da criatividade: é na obra que a criança se encontra e se mede. O mecanismo do seu desenvolvimento é essencialmente dialético: a criança tem de superar as contradições de cada situação para adaptar-se, passando a realizar tarefas cada vez mais difíceis. Por exemplo, a criança de 3 anos de idade possui a linguagem; ela está acostumada ao mundo exterior; ela quer atuar sobre o mundo, mas os adultos limitam a sua atividade; ela resolve então essa contradição *brincando*. "O jogo é o caminho pelo qual as crianças aprendem a conhecer o mundo em que vivem e que elas deverão também modificar." (Gorki). A entrada para a escola, aos 7 anos, representa uma integração maior ao mundo exterior, pois a criança passa a exercer uma atividade determinada por lei, participando assim da vida do país.

Leontiev distingue 6 etapas no desenvolvimento intelectual da criança, salientando a existência de diferenças qualitativas entre a organização dos processos mentais segundo as etapas (etapas: 0-1 ano; 1-3 anos; 3-6 anos; 7-10 anos; 11-14 anos, e adolescência, de 14 a 17 anos). Ele não dá exemplo prático de observação da conduta de uma criança. Seria, entretanto, interessante ver em que medida, por exemplo, ele se opõe às pesquisas de Piaget, que são orientadas no mesmo sentido. Infelizmente, Piaget sofre uma execução sumária, pois a sua teoria do "egocentrismo infantil" é antimarxista; portanto, as suas outras contribuições nem estão mencionadas. A nosso ver, a diferença reside mais no objetivo do que no método propriamente dito: o educador soviético deve facilitar a passagem da criança para a etapa seguinte. Para Piaget, cada etapa, pelo fato de ser vivida inteiramente por si, no presente, prepara a etapa seguinte. Para Leontiev, o que importa é a perspectiva futura.

A observação ativa da criança está realizada pelo educador, que estuda as atitudes do aluno perante as tarefas escolares, criando, às vezes, condições de exprimir aptidões ou atitudes, atuando sempre no sentido de maior integração

ao grupo (cooperação, sentimento de responsabilidade, etc. . .) . Vemos que deixamos logo o terreno da observação objetiva para cair, mais uma vez, na apreciação em termos de valores. A avaliação da conduta do aluno tem uma norma só: a distância para com o comportamento ideal. Com efeito, o objetivo da educação, logo, da psicologia que a orienta, é o condicionamento da criança "*para produzir traços psicológicos e caracteriais desejáveis*". (pág. 39) .

Não queremos fazer aqui a crítica das bases filosóficas ou ideológicas de tal teoria. Isso levar-nos-ia muito além do quadro de uma revista técnica. Afirmaremos apenas a nossa repulsa perante a aplicação da psicologia como base de condicionamento ideológico, seja qual fôr a ideologia. Os autores não expõem exemplo algum da técnica do condicionamento, nem dos resultados obtidos até agora. Não podemos senão pensar em certo capítulo de "Brave New World", de Huxley. . .

A intolerância dos autores os leva aos limites do absurdo. Por exemplo: o P. C. condenou a criação de escolas especializadas para crianças "difíceis, retardadas e defeituosas", porque diferenciar os excepcionais das crianças normais estabelecia uma hierarquia e não representava senão uma sobrevivência da organização capitalista em classes inferior e superior.

O desconhecimento das tendências mais modernas da psicologia ocidental (fenomenologia, psicologia da "conduta", escola culturalista, etc. . .) empobrece também a exposição das teses soviéticas. Estaríamos interessados em saber como os autores se definem perante posições aparentemente não muito distantes das suas, embora participem de um contexto ideológico diferente.

Em terceiro lugar, é pena que o livro seja tão teórico. O brilhante artigo de Leontiev sôbre a criança no jardim de infância permite-nos entrever um pensamento original. O conceito de integração social progressiva da criança, através da adequação a papéis ("roles"), cada vez mais complexos, forneceria uma valiosa contribuição às pesquisas ocidentais sôbre a psicologia do "role". Infelizmente, é o único exemplo prático que nos trazem os autores para ilustrar as suas teorias.

Em conclusão, êste livro, apesar de ficar muitas vêzes ao nível da petição de princípios, afirmando muito e demonstrando pouco, vale por dois motivos principais. Em primeiro lugar, temos escassas informações sôbre a psicologia soviética: essa obra oferece-nos um panorama, senão detalhado, ao menos bastante amplo da orientação dos psicólogos russos. Em segundo lugar, deixa entrever aspectos originais e construtivos, particularmente no que diz respeito à teoria da estruturação dialética da conduta, aspectos êsses que gostaríamos de ver mais desenvolvidos, para poder aproveitá-los, comparando e integrando os resultados com os das pesquisas ocidentais.

MONIQUE AUGRAS